

## UM BERÇÁRIO DE PROCUSTO?

Sandra Trombetta

Psicanalista – SPRPE/ International Psycho-Analytical – IPA

Na penumbra da noite, uma linda mulher vestida de negro, transportada em luxuosa carruagem contemporânea, chega a incógnito edifício. Sorrateira, adentra na ampla construção em botas longas e reluzentes e avança determinada pelos corredores escuros em direção a um dos cômodos. Ao abrir a porta, em contraste, encontra um grande quarto iluminado com duas fileiras de pequenos berços ocupados por bebês recém-nascidos, vestidos de rosa ou azul, parecendo indicar serem meninos ou meninas. Duas enfermeiras, provavelmente encarregadas de zelar pelos rebentos, encolhem-se assustadas, enquanto aquela estranha mulher abre sua valise e dela retira uma pequena caixa contendo um pó preto e reluzente, que é por ela cuidadosamente soprado, espalhando-se em câmera lenta por todo o recinto. Em passe de magia, as coloridas roupas daqueles neonatos tornam-se indistintamente cinzas, e na blusinha de um deles podemos ver uma inscrição evocando *novos tempos*.

A cena, que poderia ter saído de um conto de fadas, é a descrição de um recente comercial de roupas infantis, protagonizado por uma famosa cantora internacional, e retrata uma ideia hoje adotada por parte da civilização ocidental, segundo a qual o sexo biológico dos bebês não determina se eles são meninos ou meninas, devendo-se esperar alguns anos até que eles próprios manifestem suas identificações com o mundo masculino ou com o mundo feminino, para que somente então seja possível afirmar a qual sexo pertencem. Assim, de acordo com essa proposição, caso o corpo físico da criança seja incompatível com sua subjetiva percepção, a partir dos quatro anos ela poderá ser encaminhada para um centro médico especializado em redesignação sexual para realizar o longo processo de alteração dos elementos físicos e sociais que caracterizam o seu sexo de nascimento. Iniciando com a mudança de nome e vestuário, considerados os aspectos sociais de sua identidade sexual, passando pelo bloqueio hormonal da puberdade, a redesignação prossegue na adolescência para a administração de hormônios cruzados e culmina, ao final do período, com cirurgias de ablação e alteração dos diversos órgãos que caracterizam o sexo biológico.

Tal proposta tem sua origem na empatia e decorre deste fato: numa parcela bem pequena da população, o sexo biológico pode não coincidir com a subjetiva percepção da criança - um menino poderá sentir-se menina, uma menina, menino - e, se tais desacordos permanecerem até a vida adulta, poderão sedimentar-se fonte de grande sofrimento. Acontece que, entre o recém-nascido e o adulto, há, como é sabido, uma imensa travessia; extraordinárias alterações físicas e psicológicas marcam todo o percurso. A indicação da redesignação no espectro da pediatria parece não computar as potenciais transformações próprias do período, tampouco contabilizar que o preço que será cobrado ao jovem por essa solução é incalculavelmente alto. Há de se considerar, ainda, a impossibilidade para que uma pessoa em desenvolvimento avalie tais fatores, desde que não conta com a maturidade própria à vida adulta. Adicionam-se a isso dois agravantes: segundo declarações de profissionais que conduzem a redesignação no Brasil e no exterior, o critério diagnóstico que respalda a indicação é insuficiente e os resultados em crianças e jovens são incertos ou pouco conhecidos. O que pensar de tudo isso?

A psicanálise pode vir a nosso encaixo. O renomado pediatra e psicanalista inglês Donald Winnicott, a partir de sua larga experiência nos cuidados e observação de bebês e crianças notou que, entre a realidade externa, que diz respeito ao mundo objetivo, e a realidade interna, que está relacionada ao mundo subjetivo, existe uma terceira área de desenvolvimento, a qual ele denominou de *espaço da ilusão*. Esse espaço é onde as realidades interna e externa se encontram, uma área de grande importância para o bom desenvolvimento do ser imaturo. O *espaço da ilusão*, diz Winnicott, tem sua representação inicial naquele cobertor, ou pequeno ursinho, usado por alguns bebês para se acalmarem e dormirem, condensando, num só lugar, a subjetiva realidade interna da criança, e a objetiva realidade externa, um espaço potencial fundamental para a assimilação das experiências, para a necessária e difícil integração do mundo interno com o mundo externo. As mães, sensíveis e intuitivas, o mais das vezes reconhecem e respeitam a importância do objeto eleito pelo bebê, percebendo que ali está muito mais do que uma trama de linha e algodão, respeitando sua sobrevalorização sem cobrar do bebê uma relação mais objetiva. Winnicott adverte sobre a relevância desse reconhecimento e o respeito ao paradoxo que está implícito neste fenômeno, uma vez que ele constitui justamente o lugar onde os conflitos envolvidos no encontro entre a realidade externa e a realidade interna podem ser resolvidos. Para o autor, um dos aspectos mais importantes no acompanhamento dos naturais conflitos de seres em

desenvolvimento é que respeitemos os paradoxos envolvidos em seus dilemas, sem que cobremos deles uma escolha ou nos precipitemos em oferecer uma solução.

*“O ponto mais importante é que não há expectativa de uma resposta. A pergunta não deve ser formulada”. (p.31)*

Assim como o útero que abriga o feto deve ter sua integridade respeitada, ao risco de se perder o único ambiente no qual o bom desenvolvimento se dá, o tempo do paradoxo é, para esse autor, a condição única onde a conexão de vários aspectos da experiência de um ser humano em desenvolvimento pode acontecer.

Na cena do comercial de roupas infantis, relatada no início deste pequeno ensaio, síntese da ideia subjacente à redesignação de sexo oferecida às crianças, vemos um berçário *procustiano* simplista e falseador que, em nome do acolhimento das subjetividades, propõe desconsiderar o sexo dos recém-nascidos, colocando em seus horizontes a inoculação de drogas pesadas, a ablação de órgãos sadios, o apagamento de seus nomes de nascimento e de partes importante dos primeiros tempos de suas vidas - sem o respaldo de bases de evidência suficientes para o diagnóstico ou para a eficácia da intervenção. Se algo deve ser reformulado, acredito, é justamente a leito cultural que oferecemos às nossas crianças, de modo a permitir o seu desenvolvimento e a livre expressão de seus conflitos, deixando que seres imaturos acomodem-se em suas diferentes proporções sem deles cobrar precipitadas definições.

A teoria e a clínica da psicanálise nos ensinam que a integração das inúmeras experiências que vivemos, gratificantes ou dolorosas, e das múltiplas partes que nos compõem, é o único caminho para a saúde - e isso inclui a nossa constitucional bissexualidade psíquica.